

ESCREVÊNCIA E ESCRITURA

SÔNIA REGINA DA LUZ MATOS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL).

Resumo

O estudo teve como objetivo reconhecer a representação como um dos conceitos centrais nos estudos da linguagem, pois, a partir da linguagem de ênfase representacional, cartografamos os discursos pedagógicos que são produzidos na ensinância da escrita. E conceituamos duas das ensinagens de escrita vigentes na escola: a escrita como método e a escrita como *escrivência*. A empiria analisada na pesquisa foi a produção de textual das alunas, do curso Pedagogia, na disciplina de Fundamentos do Currículo, da Universidade de Caxias do Sul-RS. O estudo tencionou essa ensinância da escrita produzida pela linguagem representacional e questionou como ela produz o distanciamento do ler e do escrever com a vida. Mas, também nos deparamos com escritas que faziam fugir essas duas escritas representacionais. Deparamo-nos com características singulares nos textos e, para compreender o significado dessas singularidades, nos aliançamos com a filosofia da diferença, trazendo Deleuze, Guattari, Foucault e Nietzsche; com as ideias da linguagem não estruturalista. Eles tomam o cenário da linguagem pós-estruturalista, provocando o movimento da "virada linguística", colocando em xeque o conceito da linguagem enquanto representação da realidade. Portanto, ao cartografarmos esses outros rumos teóricos, fizemos encontros com Barthes (1974), e com seu conceito de escritas de escrituras. Portanto, a investigação vem possibilitando localizar os limites dos movimentos que compõem a ensinância da escrita representacional e desenhar outras práticas de escritas não escolarizante. A principal hipótese da pesquisa é que, talvez, escolarização da escrita não suporte a escrita/escritura, porque ela faz pensar a vida e a realidade como (po)ética!

Palavras-chave:

diferença, singularidade, escritura.

O estudo teve como objetivo reconhecer os conceitos centrais nos estudos da linguagem. Com a linguagem de ênfase representacional, cartografamos os discursos pedagógico que são produzidos na ensinância da escrita. E conceituamos duas das ensinagens de escrita vigentes na escola: *a escrita como método e a escrita como *escrivência**. A empiria analisada na pesquisa foi a produção de textual das alunas, do curso Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul. O estudo tencionou essa ensinância da escrita produzida pela linguagem representacional e questionou como ela produz o distanciamento do ler e do escrever com a vida. Mas, também nos deparamos com escritas que faziam fugir essas duas escritas representacionais. Nos deparamos com características singulares nos textos e, para compreender o significado dessas singularidades, nos aliançamos com a filosofia da *diferença*, trazendo Deleuze, Guattari, Foucault e Nietzsche. Portanto, ao cartografarmos esses outros rumos teóricos, fizemos encontros com Barthes (2006), e com seu conceito de *escritas de escrituras*. A investigação vem possibilitando localizar os limites dos movimentos que compõem a ensinância da escrita representacional e, desenhar outras práticas de escritas não escolarizante. A principal hipótese da pesquisa é que, talvez, escolarização da escrita não suporte a *escrita de escritura*, porque ela faz afectação na vida e na realidade como (po)ética!

Contextualizando as sociedades disciplinar e de controle: produtoras das ensinâncias da escrita

Penso que seja prudente, iniciar, dizendo de que contexto de sociedade e de políticas que produzem as questões do escrever. Peço licença e escreverei parte de um epitáfio, do escritor Affonso Romano, para explicitá-las poeticamente.

Epitáfio para o século XX

1 Affonso Romano de Sant'Anna

*1. Aqui jaz um século
onde houve duas ou três guerras
mundiais e milhares
de outras pequenas
e igualmente bestiais.*

*4. Aqui jaz o século
que um muro dividiu.
Um século de concreto
armado, canceroso,
drogado, empestado,
que enfim sobreviveu
às bactérias que pariu.*

Também, alianço-me com os pensadores da diferença, neste texto, para explicitar os contextos de sociedades, especificamente com Foucault, Deleuze & Guattari. Eles me possibilitam re-inscrever o conceito de sociedade e de trazer essas ideias para a educação. Com a tecnologia da escrita podemos atribuir julgamentos identitários de quem podemos ser, o que podemos pensar e como temos que escrever. Para tanto, passo a partir de agora distinguir duas sociedades: a disciplinar e a de controle. Caracterizo nestas sociedades a produção escolar da escrita, e logo depois, passo a trazer os discursos que essas sociedades produziram sobre o que é escrever.

Sociedade disciplinar: sorria, você está sendo filmado!

Foucault (1985) anuncia que a modernidade produziu uma sociedade disciplinar. Esta se constituiu como espaços de confinamentos, clausuras, tais como as prisões, as escolas, os hospitais, os manicômios. Cada instituição aperfeiçoou as técnicas de poder para dar conta de sua "missão" social, tais como: a confissão no discurso religioso, o matrimônio no discurso da família, a descoberta da anatomia no discurso médico, os confinamentos do espaço como discurso nos presídios. A escola, como uma das instituições disciplinares, passou a criar e aperfeiçoar as suas ²*tecnologias de poder*, estas técnicas determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certo tipo de fim. Sabe-se que a sociedade moderna tinha e tem como fim, o desenvolvimento econômico do capital, portanto a escola monta um aparato com suas próprias tecnologias de poder, cito algumas: o caderno de ocorrência, as regras de convivências, as hierarquias profissionais, tais como: supervisor, diretor, professor, aluno, secretaria; as classificações por séries, por habilidades, por competências. Essas são algumas das técnicas de poder produzidas e atreladas à maquinação capitalística que possibilita disciplinar indivíduos para que estes necessitem de identidades.

Tratando-se da escolarização da escrita, no contexto da sociedade disciplinar, ela tem as produções *de poder* da escrita na sala de aula, tais como: redação, ditado, exercícios de completar linhas, copiar no quadro, escrita receitas, painel, caderno, livro de chamada, tema de casa, bilhete, entre outros. Então, a escrita escolar tem *poderes, ou melhor, dizendo, saber-poder*. Foucault (1985) enfatiza que o saber e o

poder não constituem elementos opostos, mas se implicam mutuamente: *"não existe relação de poder sem a constituição de um campo correlato de saber, assim como não existe saber que não pressuponha e constitua relações de poder"* (p. 45).

O saber-poder negativo é um julgamento de valor legitimado por comunidades que se nominam ter o saber do ³bem, diz Nietzsche (2008) As forças de escrever para escola, são forças ainda valoradas na cultura da sociedade disciplinar. Portanto, nossos juízos e instrumentos de ajuizamentos de como se escreve, o que se escreve, quando se escreve, é acolhido e ensinado na cultura escolar através das técnicas de disciplinamento da escrita.

Então, as idéias de dominar a escrita surgem nas malhas do pensamento moderno. E ela banha nossas necessidades até o presente momento. Ao reconhecermos os funcionamentos, das malhas do *saber-poder de escrever*, talvez, façamos enfrentamentos mais analíticos e menos romanesco da sociedade e da função escolar.

Sociedade de controle: atenção, você está sendo filmado!

O filósofo Deleuze (1996) ao retomar os estudos de Foucault, sobre a existência humana na nossa sociedade, percebe que estamos produzindo uma outra forma de existir em sociedade, denominada de sociedade de controle. Então, a sociedade disciplinar produz sua própria crise do confinamento e instaura, paralelamente outras formas de viver e existir, ainda dentro dos tentáculos da sociedade capitalista, agora, também em formato de controle.

O que vem a ser sociedade de controle? O que ela tem haver com o epitáfio? A sociedade de controle captura, e, é capturada pelos códigos produzidos nas sociedades dos séculos anteriores, portanto, os discursos da sociedade disciplinar se articulam com a sociedade de controle. Elas, não são partes separadas do pensamento contemporâneo, são cartografias apresentadas no epitáfio e que nos atravessam há muitos tempos. A sociedade de controle, funciona sob a força da senha, da digitalidade, da virtualidade, do marketing, da vida em 3 D, vida por satélites, e GPS. Ela não precisa do confinamento do espaço físico, do controle do corpo presente, ela funciona em tempo volátil.

O que tem de comum nas duas sociedades: a disciplinar e a de controle? É que ambas se movimentam nas técnicas de dominação. As formas de dominar mudaram conforme as questões econômicas derivaram. A sociedade de controle não necessita mais dos aparatos de confinamento e clausuras, por isso, encontramos as novas teorias da educação se estendendo para estudos da escrita como função social. Escrever para escola não basta, os métodos de escrita escolares, codificar e decodificar escrita, não dão conta da realidade virtual. É necessário um investimento mais pragmático sobre o uso da escrita. Assim, o espaço da ensinaça da escrita dá ênfase para a escrita em espaços de competitividade, os espaços de empreendedorismo, os espaços de consumismo. Formar escritores que sejam bom internautas, bons consumidores da digitalidade, bons consumidores de livros de auto-ajuda e auto-conhecimento.

Os processos de escrita também foram capturados pela sociedade de controle. As tecnologias de escrita necessitam cada vez menos dominar os corpos em espaços de confinamentos, mas não deixando de abrir mão da dominação destes corpos. Os corpos capitalísticos estão re-codificados no mundo virtual e é para lá que todos estamos rumando. A escola agora tenta abrir mão da disciplina e dar conta deste outro mandato educativo que é controlar e ser controlada.

Algumas das ensinanças das escritas

Neste espaço cartografo alguns dos discursos pedagógico que são produzidos na ensinança da escrita. E categorizo duas (2) das ensinanças de escrita vigentes na escola: *a escrita/cópia método* (MATOS, 2009) e *a escrita de escrevência* (PERRONE-MOISÉS, 1983). A empiria analisada na pesquisa foram as produções de textos e registros dos diálogos das alunas, do curso Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul, ano 2008. O estudo tenciona a ensinança da escrita produzida pela linguagem representacional. E também demarca o conceito de *escrita de escritura* (BARTHES, 2006) como, talvez, uma possibilidade de alargar a ideia de escrita com a vida. A pesquisa, inicialmente, olha as ensinança da escrita escolar de ênfase na codificação e decodificação do código escrito, as denomino de *escrita/cópia de método*. A segunda escrita, rompe com o discurso em torno da codificação e decodificação da escrita e parte para uma escrita que tenha funcionalidade social.

1- Escrita de método

Pedagogicamente, na alfabetização, a escrita ainda é centrada nos métodos de ler e escrever. Estes ignoram por completo a complexidade da representação da escrita vividas pelas pessoas não alfabetizadas. A escolha do método mais adequado constituiu-se o principal fator de obtenção de êxito na aprendizagem da escrita. A ensinança da *escrita/cópia para o método* é parte das ambições já demarcadas na sociedade disciplinar, onde a escrita é feita para escola e para o professor ler, tendo o caderno como o portador da escrita, os exercícios de pergunta e resposta como o espaço de escrever, o livro didático como a escrita/reprodução. Essas pedagogias centradas nos métodos, usam somente as abordagens formalistas do escrever, tratam a escrita como somente a aprendizagem de habilidades. Há centralidade na instrução formal da língua escrita, desconsiderando outros fatores como os aspectos sócio-históricos, culturais da linguagem escrita, é suas diferentes variantes de escritas.

A ensinança desta escrita se perpetua, para além da alfabetização, encontrando o retrato desta escrita escolarizante ainda no ensino superior, em alguns dos trabalhos produzidos na disciplina de currículo. Ao solicitar que as alunas escrevessem uma proposta de currículo, inicialmente, quase todas das 40 alunas do curso de Pedagogia, explicitaram uma cópia do livro que estávamos estudando. A ideia de escrever um trabalho com suas ideias era sinônimo de cópia? Afirmando que a cópia é parte da ensinança da *escrita para métodos*, pois, ela dá garantia dos requisitos escolares de disciplinamento na formação de professoras/es. Para não errar a escrita e manter o controle das ⁴*ideias que o professor "aceita" como certas e boas*, copiasse

2- Escrita de escrevência

Nestas últimas décadas, os estudos de linguagem e educação escolar, vão dar ênfase ao estudos do letramento. Este vem corroborar com as práticas pedagógicas de produção textual. Os estudos de letramento trazem uma certa amplitude conceitual para pedagogia, entre outras áreas. É por isso que faço um recorte sobre os estudos de letramento, em relação ao conceito de alfabetizar letrando. E aproximo ele com o conceito de *escrita de escrevência*, cunhado pelo autor Barthes (2006).

A ideia pedagógica de alfabetizar letrando, é trazido pela SOARES (2001, p. 47): *"o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado."* Escrever no contexto de alfabetizar

letrando, é dar conta das práticas de leitura e de escrita no cotidiano social. O que está no cotidiano social? As práticas escrita a serviço do funcionamento da sociedade disciplinar e de controle, escreve: bilhetes, cartas, normas, leis, dicionários, jornais, receitas, notas fiscais, dinheiro, mapas, internet; escrever na escola é preparação para o mercado de trabalho. Então a questão do escrever para esta conceitualização carrega um forte cunho pragmático e funcionalista da escrita na escola. Esta o conceito de alfabetizar letrando tem proximidades com conceito de *escrita de escrevência* (PERRONE-MOISÉS, 1983).

A *escrita de escrevência*, é parte das caracterizações do letramento, porque escreve com objetivo de comunicação e expressão; tendo a doxa, a opinião, como uma parte forte na produção da escrita. Encontramos na ensinança da *escrita de escrevência*, a tipologia textual como algo bem demarcada e definido no ato de escrever. São escritas que atendem a função social dos determinantes textuais que estão sendo ensinados, mas que podem se tornar uma pedagogização da escrita dos textos na escola?

O conceito de *escrevência* tem produzido um efeito de escrita que reforça a identidade do sujeito centrado na razão, usando com veracidade a primeira pessoa do singular. Localizo na maioria das escritas das alunas do curso de pedagogia essa questão produzida na *escrita de escrevência*. Elas "recheiam" os textos de pronomes pessoais, como estes: *meu pensamento, minha aula, eu acredito, é importante para mim*. Esses enunciados ignoram a polifonia de vozes que habitam o ato de escrever. Esses enunciados dentro do texto produzido pelas alunas, não reconhece que as palavras são mais do que ideias pessoais, são vozes que nos constituíram e nos constituem; o que escrevemos são palavras poderes que se formam num texto escrito.

Afectações das escritas de escrituras

As práticas de ensinança moderna, focalizadas no ensino de escrita de massa, buscam por muito uma proposta de linguagem que cumprisse a missão da sociedade moderna e capitalista; demandando a função da escrita num reducionismo social de mercado. Os representantes da *escrita/cópia* e da *escrita de escrevência*, na escola, usam a escrita num sentido pragmático. Já a *escritura* é *uma escrita* que negocia com os elementos de poder da língua maior é fazer a crítica a uma escrita de comunicação e expressão da realidade. Trair os elementos da escrita língua maior com a *escritura* é subtrair dela suas potências (não esquecer que as potências sempre são afirmativas). Os elementos da *escritura* produzem efeito de variação da escrita, este movimento é de criação. A *escritura*, também pode estar embaralhando os signos já produzidos na representação. Ela preocupada com a criação da escrita, localiza a *escrevência* para burlá-la; borrando a força da linguagem representacional. A afetação da *escritura* se dará pela variação da escrita, usando os elementos da gramática formal como meios hábeis de *escritura*, esfacelando as normas da *escrevência*.

A variação da *escritura*, cria a necessidade experimentar-se, por isso não cessa. A variação continua compõem-se com as linhas dialetais, linhas de fractais, linhas inumanas, linhas eróticas, linhas do corpo, linhas dionisíacas. Abaixo há uma proposta de currículo escrito por uma aluna de pedagógica. Ela organizou o texto depois de termos mergulhado numa oficina com o conto *um artista da fome*, de Kafka (1998). Com este material, passo a destacar um currículo com fronteira de escrita de *escritura*. A ousadia de escrever uma proposta de currículo por meio da *escritura* não vai ser debatida neste ensaio de *Currículo Geometria*⁵:

Este é um tempo que me escapa

Niilismo, insensatez, diferença

Apocalíptico, *queer*, nômade

Cada um... No seu quadrado!

Fugido, fugida, fugaz

Da vida, do normal, do certo

Do regular, do verdadeiro, do inquestionável

Do indubitável

Fora do axioma?

Langanho, langanhento, langanhoso

Estranho

Crescidote, crescente

Esse acepto, *acceptabile*

Mas no íntimo hipotálamo

Vai saber se é verdade?

Mostrando a cara

Explodindo o mundo

Matando Deus

Saindo da jaula

Tempo de sexo

Tempo de fractais

Tempo de tempos

Só geometrias?

Os triângulos equiláteros, hexágonos, pentágonos e paralelogramos

E cada um no seu quadrado

Esta experimentação de escrita vem possibilitando localizar os limites nos movimentos que compõem a ensinança da escrita representacional e desenhar outras práticas de escritas não escolarizante na formação de professores/as. A principal hipótese da pesquisa é que, talvez, escolarização da escrita não suporte a *escrita de escritura*, porque ela faz pensar a vida e a realidade como (po)ética!

Pois, a escola existe como maquinação de disciplina e controle! Sim! Já sabemos. Então, a *escritura* é uma das possibilidades de re-visitar esses sintomas de sociedade sem cair no niilismo moderno. Com a *escritura* não é possível o aprisionamento da escrita. Abandonar novas e velhas certezas é o desafio de fazer uma política das *escrituras*.

Viver com a *escritura* é estar agrupado com as diferenças e viver com a diferença é por em xeque a linguagem representacional. A *escritura* pode ser signos não codificados, por isso produz estranhamento. O movimento de estranhar é pura insegurança, é descontrole, por isso faz-se aberturas a outros afectos (DELEUZE, 1996). Afectos, que a instituição escolar, tirou do corpo. O corpo da afectação é fluxo frágil e intenso, que foi roubado pela sociedade disciplinar e de controle. Talvez, as intensidades do corpo movam outras experimentações. Existir pela diferença potencializa os desconhecidos, as práticas ainda não pensadas, nem imaginadas. O afecto é ação de ser afectado pela criação, isto dá medo! A criação é novidadeira! A criação é diferente! Para que criar? Para não ser pensado! Cria-se com o fluxo intenso da experiência corporal de existir, portanto, existo com as intensidades com a vida. A vida aqui tratada como primeiro, como imanência, como processo continuum de forças que se tencionam na poética.

A poética é banalizada nas sociedades disciplinares e de controle, pois o primeiro é o homem, a razão, a lógica, o capital. Para os pensadores da *escritura*, primeiro é a vida, com sua vontade de poder que a faz existir. A vida quando generalizada mata o sentido singular e poético de existir. Encerro este falatório com Kafka (1998, p. 107), quando ele diz: "... meu comportamento então era silencioso: não há nada mais quieto do que o reencontro com a construção..."

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1985. (publicado versão francesa 1975).

KAFKA, Franz. *A construção (1913)*. *Um artista da fome (1923)* Tradução de Modesto Carone. São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 1998.

MATOS, Sônia Regina da Luz Matos. *Compor-se com a escritura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. Prelo.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de saber*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Notas de rodapé

2. Conceito cunhado por Foucault no livro *Vigiar e punir* (1975). Técnicas que nos permite produzir, transformar ou manipular coisas. E os poderes são analisados sem centralismo, isto é, o poder é difuso e descentrado, por isso, circula e se multifaceta no decorrer. O poder é ação de afetar e ser afetado por corpos. Dentro das tecnologias de poder, ressaltam-se as disciplinas como um mecanismo de domínio social dos indivíduos. Olhar para a produção das tecnologias de poder constituídas em determinadas épocas das nossas sociedades é fazer uma análise das questões que envolvem a produção de existir da humanidade.

3. Nietzsche com escritos póstumos, diz: "*os juízos de valor morais são condenações. São promoções que condenam o bem e o mal*" (2008, p.31). Produzindo o niilismo da nossa época, pois o sentido de viver atrelado a valorização do bem e do mal, faz que com essas categorias, ao serem colocadas em xeques, produzam o não sentido de viver, para os moralistas! Nietzsche estuda a Genealogia da moral e afirma que a questão seja que tomemos o valor das nossas valorizações. O que tento trazer para este texto é olhar as origens das valorizações que as sociedades disciplinar e de controle valoram como critérios de avaliação. Pois a avaliação é carregada de sentidos da valorização do bem e do mal; do bom e do ruim. Este texto pretende provocar o debate sobre avaliação. Sabendo que o tema juízo de valores e avaliação merece uma articulação mais cuidadosamente demarcada.

4. Fala da aluna do curso de pedagogia retirada do registro do diário de campo. A metodologia desta investigação é no sentido cartográfico. No artigo não tenho a pretensão de explicitar a metodologia, mas indicadores que surgiram dela.

5. Autora do escrito Enoir Vagas Nunes, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul RS.

